

Brinquedoteca e brinquedo: possibilidades de ações na formação em Pedagogia

Merie Bitar Moukachar*

Regina Rosa dos Santos Leal**

Introdução

A brinquedoteca é um espaço que tem sido bastante discutido e referenciado como espaço potencial de aprendizagem e desenvolvimento de crianças e até mesmo de adolescentes. No entanto, encontram-se ainda muito pouco desenvolvidas pesquisas e discussões sobre a sua legitimação como espaço formador também no ensino superior, nos cursos de formação de pedagogos, pois é ainda considerada apenas como espaço potencial de aprendizagem de crianças e adolescentes, o que nos mobilizou a desenvolver uma pesquisa.

Entendemos que estudos como este tornam-se necessários, por propor essa discussão a respeito do recurso brinquedoteca não somente por sua importância, mas também para tornar mais claro, melhor delineado, e possibilitar um uso mais frequente das brinquedotecas na graduação. Além disso, temos a Constituição Federativa do Brasil de 1988 (CF/88), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)/1990, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)/1996 e o Projeto de Lei nº 11.274/2008 – que propõe ampliar o ensino escolar de 4 a 17 anos – o que conduz à importância de explorar a brinquedoteca como um laboratório que possibilite a melhoria da concepção do brincar, dos jogos e das brincadeiras na formação dos pedagogos para atuar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I.

A proposta da pesquisa que originou este artigo surgiu de várias questões que foram levantadas anteriormente em nossa própria prática, como docentes no Curso de graduação em Pedagogia. Mas uma dessas se configurou como problema central: Quais

* Doutora em Educação e Mestre em Psicologia Social pela UFMG. Psicóloga e Especialista em Psicologia Escolar e Educacional. Professora efetiva no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – FaE/UEMG.

E-mail: merie.moukachar@uemg.br

** Doutora em Estudos do Lazer pela UFMG. Mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG. Pedagoga e Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Professora efetiva no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – FaE/UEMG.

E-mail: regina.leal@uemg.br

relações teóricas podemos estabelecer entre os estudos já desenvolvidos em relação ao brincar, os jogos e as brincadeiras e os processos educativos e, assim, criar metodologias que se apropriem do espaço da brinquedoteca que contribuam para a formação dos pedagogos?

O objetivo geral, portanto, do trabalho de pesquisa foi investigar a brinquedoteca da Faculdade de Educação de uma universidade pública, como um espaço científico, compreendendo o brincar, o jogo e as brincadeiras articulados aos processos educativos, considerando a sua importância na formação dos pedagogos nesta faculdade.

Para atingir esse objetivo, do ponto de vista metodológico, a pesquisa qualitativa inicialmente desenvolveu a revisão de literatura para aprofundamento dos estudos na área da formação lúdica do pedagogo a partir da criação e do desenvolvimento de um grupo de estudos, leituras e pesquisas, que privilegiou as últimas produções teóricas e científicas relacionadas à ludicidade e às brinquedotecas universitárias. Já para a pesquisa de campo, as seguintes etapas foram cumpridas: i) levantamento dos recursos mapeando todo o material lúdico e material permanente encontrados na Brinquedoteca da Faculdade de Educação, espaço definido como o local da pesquisa realizada; ii) desenvolvimento de diversas ações experimentais na brinquedoteca, no formato de oficinas e atividades lúdicas; e iii) aplicação de um questionário on-line, junto aos/as professores/as, investigando possíveis ações na brinquedoteca pelos docentes e discentes do curso de Pedagogia.

Como docentes vinculadas ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia da Educação e Psicopedagogia (NEPEPp) da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), que utiliza o espaço da brinquedoteca, nosso olhar está voltado para esse objeto de estudo, sob as perspectivas teóricas com as quais trabalhamos – a importância das brinquedotecas, os brinquedos e as brincadeiras na formação superior em Pedagogia.

A seguir, será descrita a revisão de literatura realizada como parte da pesquisa, trazendo alguns dos resultados alcançados do ponto de vista teórico.

O que dizem os teóricos?

Para discutir a brinquedoteca como espaço de formação docente, foi necessário, inicialmente, revisitarmos as reflexões de alguns autores que apresentam o jogo, o brinquedo e a brincadeira relacionando-os, mas considerando a sua função lúdica e a sua função educativa, que pode ser adotada em múltiplos espaços.

No encontro com os teóricos clássicos, de diversas abordagens, vimos que para a Psicanálise, em Bettelheim (1988), a brincadeira é tão importante para o desenvolvimento da criança, que na sua ausência, o intelecto não se desenvolveria, pois, a brincadeira possui uma função cognitiva e também uma função pulsional.

Do ponto de vista das teorias psicogenéticas, encontramos tanto Piaget (1987), que demonstra como a inteligência da criança se desenvolve em etapas traduzidas nos jogos que pratica, quanto Vygotsky (1984), para quem o jogo facilita o desenvolvimento da imaginação e da criatividade.

Além desses autores, revisitamos pesquisadores da abordagem cultural, como Brougère (1995), que afirma que a ideia de jogo varia de acordo com os teóricos e sua época, bem como sua utilização e as razões para seu uso, e, ainda, Huizinga (2001), para quem a existência do jogo é inegável, fazendo parte da essência humana. Kishimoto (2010) complementa apontando que uma conduta pode ser jogo ou não, em diferentes culturas e isso dependerá do significado a ela atribuído.

O lúdico, a brinquedoteca e o brinquedo: função lúdica ou função educativa?

O lúdico, considerado neste texto como manifestação autêntica e espontânea, muitas vezes dominado pela incerteza e pelo acaso, por um lado, realiza-se tendo em vista uma satisfação. Por outro, pode se realizar também para escapar da vida cotidiana, ao lançar mão da imaginação e do faz de conta.

Mesmo levando em conta que as principais características do lúdico estão na pressuposição da liberdade e no gosto pela ação, conforme Luchesi (2018, p. 141), o que importa para se definir o que é lúdico e o que é ludicidade é “[...] estar atento àquilo que acontece internamente com cada um em sua relação com o mundo e com as pessoas”.

Contudo, essa caracterização do jogo, do lúdico e da ludicidade parece ter sido suplantada por uma série de outras compreensões, principalmente quando adentramos na esfera educativa, mas que, aqui argumentamos, poderia ser vivenciada de outra maneira, por exemplo, em brinquedotecas.

A existência das brinquedotecas está se tornando cada vez mais popular e elas acabam ganhando múltiplos significados e também múltiplos espaços de apropriação, não somente em escolas e hospitais, mas também em comunidades indígenas, assentamentos e universidades, sendo esse último o foco de atenção deste artigo (PAULA, 2014).

Vários autores discutem a polarização possivelmente existente entre a função lúdica e a função educativa dos jogos e brincadeiras. Temos a concepção de Oliveira

(2010), que o brincar deveria ser desenvolvido apenas como brincar e que o ato educativo distorce a possibilidade da espontaneidade na brincadeira.

Já Kishimoto (2010) discute a utilização do lúdico na educação e nos processos de ensino aprendizagem de uma outra maneira, pois defende que o brinquedo tem duas funções, a educativa e a lúdica, e aponta que

[...] na função lúdica o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente e, na função educativa, o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e apreensão de mundo (KISHIMOTO, 2010, p. 37).

Nesse sentido, reforçando a importância do brincar nos processos educativos, Rau e Lara (2017) dirigem a discussão para a formação adequada do adulto que educa a criança, indicando a brinquedoteca universitária como espaço para isso:

Nessa perspectiva, o adulto assume uma posição educativa quando detém o compromisso com a aprendizagem do outro. Brincar é se relacionar, se vincular, é identificar grandes possibilidades de encontro com a criança e consigo mesmo. Por isso, o trabalho com propostas para a implantação de brinquedotecas universitárias pode contribuir significativamente para a compreensão sobre o brincar no processo de aprendizagem, considerando que existirá uma formação contínua voltada para estudos teóricos e vivências práticas, nas quais o professor em formação pode confrontar o conhecimento de senso comum com o científico (RAU; LARA, 2017, p. 24441).

Concordamos com Piassa e Montagnini (2013), quando observam que, no Brasil, houve um avanço considerável, no que tange à compreensão da importância da brinquedoteca na formação do educador, pois a própria legislação brasileira passou a exigir o recurso brinquedoteca no ensino superior, mais especificamente na formação docente. Além disso, destaca que, atualmente nos Sistemas de Avaliação do Ensino Superior, há a cobrança para a existência desse espaço como laboratórios para os cursos de formação de docentes para atuar na Educação Infantil.

No entanto, Piassa e Montagnini (2013), que buscam em seu texto fazer uma interpretação crítica do espaço das brinquedotecas no contexto da sociedade capitalista, colocam-nos diante de uma outra contradição, ao apontar que a brinquedoteca, apesar de ser um espaço de concessão da burguesia para conter as pressões sociais, é também a materialização do direito de brincar da criança e um laboratório importante para os professores pedagogos, no sentido de contribuir com

um desenvolvimento infantil mais equilibrado e para a construção de uma cultura contra hegemônica.

Piassa e Montagnini (2013) citam Galindo et al. (2010), que afirmam que as brinquedotecas representam o reconhecimento do direito ao brincar, mas, ao mesmo tempo, representam controle e institucionalização da infância. São, portanto, um espaço de contradição, o que o legitima mais ainda como um espaço de pesquisa e de formação.

Os brinquedos e as brincadeiras, sua relação com a cultura e as brinquedotecas

Neste texto, trazemos como ponto central o interesse pelos jogos, brinquedos e brincadeiras, desenvolvimento e aprendizagem, enfim, pela cultura da infância nos diversos espaços nos quais ela pode ser vivida. Como já dito neste artigo, fundamentalmente nosso interesse é voltado para os brinquedos e as brincadeiras no espaço das brinquedotecas e estas nas universidades. Além disso,

Parte-se do princípio de que a brincadeira é fundamental para a criança, pois é o modo pelo qual a mesma se apropria do mundo que a cerca. Ao brincar, a criança passa a compreender sua cultura, valores, hábitos, desejos, desagradados, relações com o outro, enfim, vivencia experiências de seu contexto circundante (COTONHOTO; ROSSETTI, 2016, p. 347).

Assim, constatamos que brinquedos e brincadeiras, práticas sociais que fazem parte do contexto que circunda as crianças, dialogam com mudanças sociais constantes e práticas culturais, que, ao se alterarem, acabam provocando mudanças também nos conteúdos e formas das atividades lúdicas que se diferenciam em cada período histórico.

Silva et al. (2017, p. 63) corroboram essa ideia da relação entre o contexto cultural e o lúdico, ao apontar que, por meio das brincadeiras que praticam,

[...] as crianças identificam características próprias da sua cultura e sociedade, já que estas possuem traços específicos[,] o que contribui para o desenvolvimento das relações infantis entre criança/criança, criança/adulto e crianças/sociedade.

Isso contribui, por sua vez, para alterar também suas práticas lúdicas, na mesma medida em que se alteram as práticas culturais.

Por isso, concordamos com alguns autores, os quais julgamos nostálgicos, que criticam o pensamento de adultos que alegam que as crianças na atualidade não brincam mais e não têm interesse pelos jogos e brincadeiras.

Segundo Moukachar (2004), em sua pesquisa sobre jogos, brinquedos e brincadeiras e as representações de infância, evidencia a necessidade de retomar as brincadeiras tradicionais e todas as suas contribuições para o desenvolvimento infantil e tudo o mais que elas proporcionam. No entanto, reafirmando a forte relação existente entre a cultura e as atividades lúdicas, a autora aponta

[...] ser impossível o brincar, na sociedade contemporânea, da mesma maneira como se brincava antigamente: o mundo se transformou, as crianças se modificaram e, principalmente, seus desejos acompanharam essas transformações (MOUKACHAR, 2004, p. 210).

Portanto, ainda para Moukachar (2004), não seria necessário e imperativo trabalhar para manter *uma cultura lúdica*, pois existem *as culturas lúdicas*, seja das gerações anteriores ou das mais atuais, nas quais as práticas lúdicas enquanto práticas sociais e culturais estão sempre sendo feitas e refeitas e: “Todas têm um valor singular e próprio, manifestação do potencial criador e recriador das crianças de todos os períodos” (MOUKACHAR, 2004, p. 210).

Ao discutirmos o tema das brincadeiras do ponto de vista histórico, observamos sempre essa dicotomia entre as brincadeiras de ontem e as brincadeiras atuais. Aqui queremos nos esquivar dessa posição dicotômica, porque observamos que os brinquedos e as brincadeiras influenciam e são influenciados pelo mundo cultural a sua volta e isso tudo acaba por alterar significativamente o conteúdo e a forma das atividades lúdicas.

Por isso, torna-se imprescindível aqui a discussão sobre as brincadeiras tradicionais e os jogos eletrônicos no cenário vivenciado pelas crianças na contemporaneidade. Cotonhoto e Rossetti (2016) questionam a afirmação de que, na atualidade, crianças não demonstram interesse para o brincar:

Quem garante que a melhor forma de crianças de quatro e cinco anos se desenvolverem integralmente seria por meio apenas de jogos e brincadeiras

tradicionais? As crianças tornam-se passivas e meras expectadoras da vida quando jogam videogames? Os jogos eletrônicos tolgem a criatividade infantil? (COTONHOTO; ROSSETTI, 2016, p. 347).

Para as autoras, ao contrário dos argumentos negativos na relação entre a criança e a internet como uma relação de dominação, com a prática de jogos eletrônicos e/ou na internet, as crianças intervêm nas situações trazidas por esses jogos, como sujeitos ativos que são.

Silva et al. (2017, p. 65-66) corroboram essas ideias ao afirmarem, por meio de suas pesquisas, que

O contato com meios eletrônicos permite que a criança desenvolva a coordenação motora fina, ao passo que tem que direcionar comandos para a máquina desenvolver a brincadeira, além de desenvolver a leitura, já que para os comandos da máquina, existem teclas específicas, e assim, a criança precisa dominar certos códigos. O raciocínio lógico também é bastante exercitado nesses jogos, pois as crianças devem criar certas lógicas para atingir objetivos. As brincadeiras eletrônicas também possibilitam o desenvolvimento da atenção e da concentração, ao passo que as crianças focam em determinada atividade e se dedicam a ela até cansar, descobrindo nesse processo um contentamento particular interior.

Não bastando todas essas possibilidades, Cotonhoto e Rossetti (2016) ainda destacam outras vantagens das práticas dos jogos eletrônicos virtuais e games, para o desenvolvimento e a aprendizagem infantil para além do favorecimento da socialização, tais como o desenvolvimento da autonomia e da moralidade, aceitação de regras, limites e frustrações, criatividade, imaginação e outras capacidades as quais a vida futura dessas crianças exigirá.

Como neste trabalho a ênfase é discutir a brinquedoteca e os brinquedos nela compartilhados, podemos pensar que, nesses espaços, também é possível, com os jogos eletrônicos, desenvolver a linguagem lúdica, artística, dinâmica, interativa e virtual que faz parte do cotidiano de crianças e adolescentes em idade escolar. Além disso, na brinquedoteca, os jogos eletrônicos tanto quanto os tradicionais também podem auxiliar no desenvolvimento de estratégias para superar suas etapas e objetivos, antecipando ações futuras.

Vimos, portanto, a importância de se formar o professor não só para o lúdico, mas também nas atualizações demandadas na direção da cultura vivenciada atualmente pelas crianças, em contato cada vez mais precoce com a esfera digital. Para isso, no

próximo item, serão apresentados apontamentos teóricos sobre essa temática específica.

As brinquedotecas como espaço para a formação em Pedagogia

Nossas indagações neste texto se direcionam para uma questão central, ou seja, o lugar da brinquedoteca, das brincadeiras e dos brinquedos na formação docente. No entanto, verificamos que é necessário responder a uma questão anterior a essa, sobre como o educador torna-se um ser brincante. Seria possível formar professores para se tornarem capazes de brincar?

Em Fortuna (2018, p.19), encontramos que “[...] um educador não nasce educador, ou ‘vira’ educador de uma hora para outra após fazer uma formação específica para isso”. A autora argumenta que os educadores se formam educadores por meio de sua trajetória escolar, profissional e pessoal. As situações de ensino compõem uma parte dessa formação. E, se é assim, neste trabalho, complementamos que é nessa formação específica que devemos também enfatizar a formação do profissional professor como ser brincante. Também, para isso, ainda de acordo com Fortuna (2018), são vários os saberes envolvidos na formação inicial e contínua do educador. O saber lúdico, que aqui nos interessa, “[...] é um saber informal, assentado em experiências boas com o brincar na infância e em episódios de aprendizagem lúdica na escolarização básica e na formação inicial” (FORTUNA, 2018, p. 23).

No entanto, na formação inicial do docente nas universidades, geralmente, esse saber não é contemplado com ações sistemáticas para a formação, sendo abordado mais frequentemente no âmbito prático. Para a autora, “[...] o saber lúdico é essencialmente vivencial e a formação universitária é essencialmente teórica” (FORTUNA, 2018, p. 23), mas ela contrapõe argumentando que o saber lúdico não poderia prescindir dos aportes teóricos e conceituais, mas de se apoiar em um diálogo constante entre situações vivenciais e lúdicas com a teoria proveniente do campo de estudos em Jogo e Educação.

Na LDBEN nº 9.394 (BRASIL, 1996), em seu artigo 61, determina-se, inclusive, como fundamento essa associação almejada entre a teoria e a prática, não somente na formação continuada, mas também na formação inicial aqui tratada. Essa mesma legislação, que inclui a Educação Infantil na Educação Básica, inclui também o brincar como uma das linguagens da Educação Infantil. Além disso, os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009), destacam que “[...] a brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de

forma criativa” (BRASIL, 2009, p. 4). E isso tudo implica na formação mais adequada do professor para o trabalho com as crianças.

Queremos enfatizar precisamente essa discussão, pois sugerimos que essas situações vivenciais sejam desenvolvidas no espaço das brinquedotecas no âmbito da universidade e na formação inicial do pedagogo, pois

[...] a brinquedoteca no curso de formação de professores e pedagogos justifica-se por favorecer transformações nos saberes e concepções sobre a ludicidade e aporte teórico para uma atuação reflexiva, crítica e autônoma sobre o brincar no processo de ensino e aprendizagem na escola (RAU; LARA, 2017, p. 24438).

Assim, ressaltamos a importância da brinquedoteca na formação do educador, corroborando as afirmações de Fortuna (2018), quando aponta que educadores não nascem sabendo brincar, podendo essa habilidade ser construída em sua trajetória de formação.

Nos estudos desenvolvidos, vimos que atualmente as brinquedotecas estão presentes em diversos contextos. Uma vez que cada uma delas tem suas especificidades e também aspectos comuns e não as encontramos somente nas escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental (PAULA, 2014). Destacamos aqui que essa ampliação aponta, sem dúvida, para um interesse maior na constituição desses espaços.

No entanto, observamos que esse interesse maior pelas brinquedotecas não tem refletido, de forma proporcional, nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas. Portanto, nosso argumento é de que esses espaços precisam ser apresentados, discutidos, estudados e, mais do que isso, vivenciados na formação de educadores que desejam atuar com crianças.

Os aportes teóricos discutidos neste texto compõem os resultados da pesquisa realizada, alcançando nossa meta de definir conceitual e historicamente a brinquedoteca como espaço e tempo para brincar e aprender com brinquedos e brincadeiras.

Considerações finais

Reafirmamos que a formação lúdica nas brinquedotecas universitárias e especialmente das Faculdades de Pedagogia deve fazer parte da formação da(o) graduanda(o), pois tanto as teorias pedagógicas quanto as práticas pedagógicas com o

brincar e com os brinquedos contribuem para romper com a concepção espontaneísta sobre o lúdico e o seu lugar no processo de aprendizagem infantil.

Discutimos a brinquedoteca como um espaço de contradição, pois, ao mesmo tempo que reconhece o direito da criança ao brincar, também estabelece, controla e institucionaliza esse brincar, por isso é um espaço de pesquisa e formação. Contradição expressa também na discussão entre os jogos eletrônicos e os tradicionais, mas constatamos que, na brinquedoteca, tanto os jogos tradicionais quanto os eletrônicos podem auxiliar como estratégias para promoção do desenvolvimento de crianças e adolescentes, pois as práticas lúdicas são práticas sociais e culturais e estão sempre sendo feitas e refeitas por sujeitos ativos e não submissos às imposições de uma sociedade.

Assim, constatamos que, na formação do(a) professor(a), considera-se imprescindível a articulação teoria e prática, a articulação de vivências e aportes teóricos para essas vivências, a articulação entre o saber lúdico e o saber teórico sobre esse lúdico. E se confirmou a hipótese de que o espaço da brinquedoteca é o espaço por excelência onde pode se concretizar uma educação de qualidade.

Referências

BETTELHEIM, B. **Uma vida para seu filho**: pais bons o bastante. São Paulo: Summus, 1988.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988... com índice. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 04 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 02 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1999. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (LDBEN). **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2021.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI)**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2009.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

COTONHOTO, L. A.; ROSSETTI, C. B. Prática de Jogos Eletrônicos para crianças pequenas: o que dizem as pesquisas recentes? **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 102, p. 346-357, 2016.

FORTUNA, T. R. Formação lúdica docente: como os professores que brincam se tornam o que são. In: D'AVILA, C.; FORTUNA, T. R. **Ludicidade, Cultura Lúdica e Formação de Professores**. Curitiba: Editora CRV, 2018.

GALINDO, D.; SOUZA, L. L. de; MOURA, M.; RODRIGUES, V. Algumas reflexões sobre as relações entre crianças, cidades e brinquedotecas. **Estudos e pesquisa em Psicologia**, v. 10, n. 3, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18084281201000030009&lng=pt&nrm=iso. ISSN 1808-4281>. Acesso em: 02 set. 2020.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. São Paulo: Perspectiva 2001.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, Brinquedo, brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

LUCHESE, C. C. Brincadeiras, Jogos e Ludicidade. In: D'ÁVILA, C.; FORTUNA, T. R. **Ludicidade, Cultura Lúdica e Formação de Professores**. Curitiba: Editora CRV, 2018.

MOUKACHAR, M. B. **Representações da Infância em jogos, brinquedos e brincadeiras**. Belo Horizonte: Newton Paiva, 2004.

OLIVEIRA, P. S. **O que é brinquedo?** São Paulo: Brasiliense, 2010.

PAULA, E. T. de. A brinquedoteca em diferentes contextos: perspectivas contemporâneas para a formação de educadores. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 7, n. 2, jul./dez. 2014.

PIAGET, J. O nascimento da inteligência na criança. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

PIASSA, Z. A. C.; MONTAGNINI, R. C. Brinquedoteca: uma interpretação crítica deste espaço no contexto da sociedade capitalista. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/EDUCERE, 11, 2013, Curitiba. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.

RAU, M. C. T.; LARA, S. M. de. Brinquedoteca Universitária: a formação de professores pedagogos para o brincar e o brincar para aprender. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/EDUCERE, 13, 2017, Curitiba. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

SILVA, M. F. dos S.; ANDRADE, A. P. de; TORRES, M. F. de P.; AMORIM, G. C. C. As brincadeiras das crianças de ontem e de hoje no contexto sociocultural. **Holos**, Rio Grande do Norte, v. 3, 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.